

AS PAISAGENS HUMANIZADAS DA ILHA DE SÃO SEBASTIÃO

ARY FRANÇA

No litoral oriental do Estado de São Paulo, ergue-se uma das mais extensas ilhas do país (336 km²), fortemente acidentada e povoada por elementos de origem européia desde o século XVII. O prof. Dr. ARY FRANÇA, sócio efetivo da A.G.B., e atual Diretor da Seção Regional de São Paulo, escolheu-a como objeto da tese de concurso com que obteve a cátedra de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, em dezembro de 1951.

O que se vai ler é exatamente uma parte do cap. III da referida tese.

Apesar do total relativamente pequeno de seus habitantes, que não parecem haver jamais atingido 11.000 (10.759 em 1854 — 1, p. 42) e, pelo último recenseamento (setembro de 1950) somavam pouco menos de 4 800 (2), a ilha de São Sebastião revela a presença do homem e exhibe os traços de sua ação em quase toda a periferia.

Não há extensão plana despovoadas, mesmo na mais agitada linha dos costões voltados para o mar alto. Se, nas praias particularmente castigadas pelas ondas ou por ventos incômodos, como as do sul e de leste, as habitações, à primeira vista, não aparecem para quem desembarca — encobertas que estão pelo arvoredos, pelas pequenas dunas de areia, ou refugiadas em um canto mais protegido (v. foto 1) — a humanização das paisagens revela-se em geral já no primeiro contacto, principalmente se este se fizer, como é normal, pela face voltada para o Canal de Sebastião, onde estão localizadas 20 das 38 planícies da Ilha e a aglomeração da cidade de Ilhabela.

As paredes brancas das casas, alinhadas, geralmente, com a frente para o mar, destacando-se do verde escuro das árvores agrupadas ao redor (v. foto 2) e refletindo-se em dias insolarados na água do

(1) OLIVEIRA, J.J. M. de — *Quadro histórico da Província de São Paulo até o ano de 1822*. Tip. Brasil. S. Paulo (1897).

(2) *Recenseamento de 1950*. "Sinótese preliminar do Censo Demográfico." Serv. Crát. da I.B.G.E. Rio (1951).

mar, eis uma associação inseparável de elementos caracterizadores da orla costeira.

Apetrechos de pesca largados nas praias ou recolhidos a miseráveis ranchos, juntamente com as canoas; ruínas de casarões e taperas, de velhos engenhos de aguardente ou das sedes de outrora importantes fazendas de café; capoeiras, roças, árvores de pomar; estreitas trilhas cruzando-se, em tôdas as direções, e entrelaçando as peças, vivas ou mortas, dos povoados de praia são outras marcas sensíveis do apêgo humano pelas estreitas planícies da marinha.

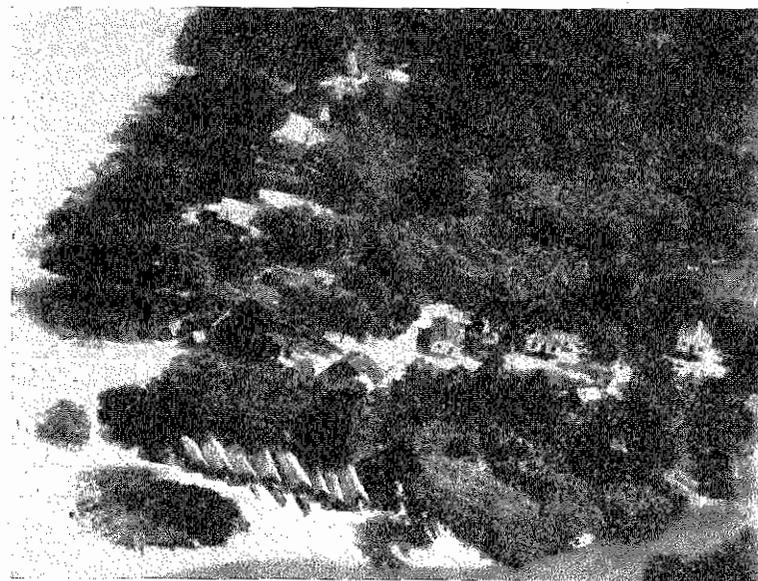


Foto n.º 1 — Aspecto da praia do Bonete (*costão* sul da Ilha). As habitações, os ranchos para canoas e mesmo as embarcações que penetram pela barra do Ribeirão Bonete (parte inferior da fotografia) acham-se cuidadosamente protegidos dos ventos oceânicos pelas árvores e pela linha de dunas que se erguem junto à praia. — (Foto aérea do autor, em junho de 1951).

Não há, nos 7,3 km² dos aluviões planos da Ilha de São Sebastião espaço algum que não tenha sido modificado pelo homem. Cada uma das diminutas unidades locais, denominadas praias ou *barras*, abrigou gerações de agricultores e pescadores. Culturas muito variadas disputaram-se nos solos férteis e secos, umas em caráter permanente, como a da cana que abastece os engenhos, ou as de pomares (fruteiras) em torno das casas; outras em rotação de terras e de plantas cultivadas.

Nos dias atuais, a maior parte das planícies revela todos êsses aspectos de humanização. Mas, sem dúvida, esta foi mais consi-

derável e ativa no passado. Embora boa parte dos homens tenha emigrado em diversas ocasiões e hoje, em várias praias, a população não represente senão reduzida fração do efetivo de outrora, são as obras humanas, as instalações e o domínio sôbre a vegetação, que impressionam no ambiente tropical das diminutas planícies da Ilha.

Basta a aproximação de um barco, para acorrerem à praia, ávidos por novidades, indivíduos de tôdas as idades. As mulheres ficam, então, à distância, espreitando e confabulando em grupos, a que as crianças asseguram ligação eficiente.

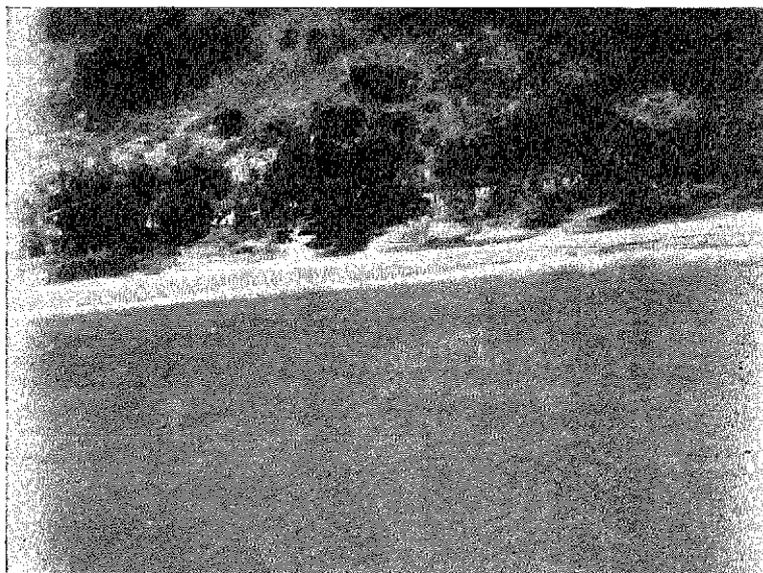


Foto n.º 4 — Pequena praia do NE da Ilha de São Sebastião (Praia do Jabaquara), uma das mais intensamente humanizadas. A poucos metros do mar erguem-se abrigos para as canoas e apetrechos de pesca. Seguem-se-lhe grandes árvores, atrás das quais surgem, alinhadas, as habitações. A encosta do morro, que se vê ao fundo, não é menos ocupada pelos homens; ali se localizam as roças. — (Foto aérea do autor, em junho de 1951).

Circula-se relativamente muito, de uma praia para outra: famílias inteiras que vão, em visita, passar o dia com parentes; homens carregando às costas volumes os mais variados, geralmente contendo produtos de troca; mulheres com cargas sôbre as cabeças, ou transportando os filhos pequenos ao colo; meninos que levam recados e volumes, ou vão à escola. Pelas trilhas que contornam tôda a Ilha e se esgalham em direção às parcelas cultivadas e, em menor escala, nas que se embrenham pela mata, os encontros são freqüentes. Mar-

cham todos descalços, imprimindo nos caminhos as marcas dos pés, particularmente visíveis sôbre as areias das praias.

Também no mar manifesta-se a presença do homem: canoas em que todos remam, dirigindo-se para Ilhabela ou São Sebastião para vender peixe ou algum produto da lavoura; famílias em visita, doentes transportados para o médico ou farmacêutico, noivos e convidados, ou comitivas de batisados, que viajam em grandes canoas impulsionadas por alguns remos, vela ou motor-de-pôpa; pescadores que lançam ou recolhem rês, visitam os instrumentos fixos de pesca ou deixam balançar ao sabor das águas as minúsculas canoas, esperando pela mordedura de seus anzóis; barulhentos barcos a motor, pescando ou recolhendo pescado, outros levando cargas. Esse vaivém anima as águas da Ilha, particularmente as do Canal de São Sebastião, nas vizinhanças das praias (v. foto 3).



Foto n.º 3 — A chegada de embarcações (Praia da Armação, ao norte de Ilhabela) leva à praia uma pequena multidão, principalmente quando aquelas conduzem o feliz resultado de uma pescaria — como foi o caso do "ajuntamento" aqui focalizado. — (Foto R. O. de Freitas).

As manifestações da presença do homem na periferia da Ilha não se limitam a êsses aspectos. Os mais impressionantes, além da ocupação permanente das planícies, estão inscritos nas paisagens dos morros e encostas inferiores das montanhas, como resultado da obra do agricultor caiçara, em três séculos e meio de luta pela subsistência.

Os habitantes da Ilha de São Sebastião são homens da planície e pescadores costeiros. Mas exploraram e transformaram muito cedo, e a tal ponto, as pequenas áreas planas ou pouco acidentadas, em redor das habitações praianas, que foram obrigados a recorrer aos morros e às montanhas, levando-lhes as culturas devastadoras das roças. Mas não têm aptidões, nem conhecem as técnicas capazes de conquistar efetivamente o interior da acidentada Ilha. Assim, a utilização do solo nas elevações, repete, com desastrosas conseqüências, os métodos primitivos do cultivador caiçara. O exercício continuado de suas técnicas rotineiras, determinou o recuo da floresta desde o nível do mar até alturas geralmente da ordem de 400 a 500 metros. Dessa forma, uma mancha verde-clara, correspondendo à cobertura do solo por roças, plantas rasteiras e capoeiras em estágios diferentes de formação, semelhantemente à que corre pelo conjunto das escarpas do continente, mas geralmente alcançando níveis mais altos, estende-se pela metade do contorno da Ilha, desde a Ponta da Vista (SW) até a da Serraria (E). Interrompe-se nos costões mais íngremes, mas volta a aparecer na Baía de Castelhanos e, de forma descontínua, na enseada das Enxovas (ou de Indaiaúba), na costa sul (fig. n.º 1). Seus limites (v. foto 4) com a floresta da montanha assinalam-se pela irregularidade do traçado, que está longe de corresponder ao das curvas de nível, como à primeira vista pode aparentar. As pe-

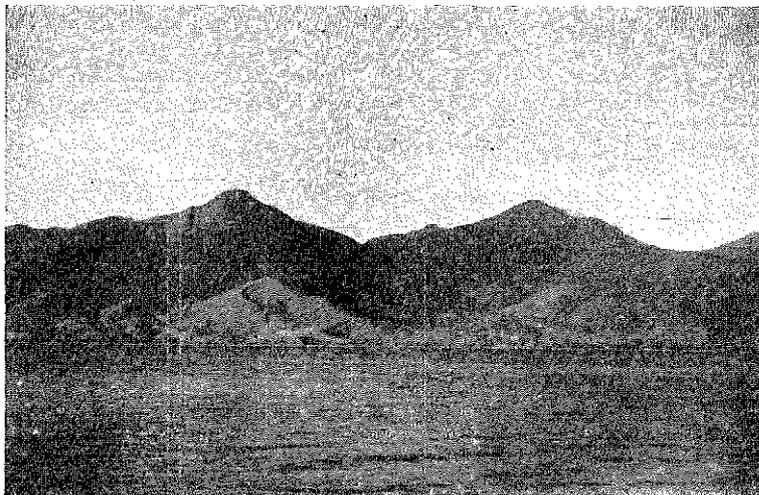


Foto n.º 4 — A falta de devastação da mata pela agricultura, no Canal de São Sebastião. Observam-se nos morros, particularmente nos espigões mais suaves, as maiores altitudes atingidas pela atividade destruidora dos caiçaras. A floresta continua intacta nas fortes escarpas montanhosas do interior da Ilha. (Foto do autor, em Janeiro de 1951).

netrações mais profundas dessa faixa em direção ao interior da Ilha e em altitude, coincidem com as encostas menos íngremes dos espigões. Relacionam-se diretamente com as aglomerações das praias, sendo tanto maiores quanto mais denso o atual efetivo humano ou mais importante o seu povoamento no passado. Por vêzes chegam a atingir cotas de 600 a 650 metros, por exemplo nos divisores das bacias do Ribeirão da Água Branca, do Córrego da Zabumba e do "O Ribeirão", todos no Canal e ao Sul de Ilabela.

Nas fotografias aéreas, a impressão de um conjunto uniforme, com contornos mais ou menos regulares, que pode ser sugerida à distância, desfaz-se inteiramente. A faixa de devastação é, antes, um mosaico constituído por pequenas parcelas de 0,2 a 1 ha, raramente maiores, que assumem as mais diversas formas geométricas e se distinguem por tonalidades, ora mais carregadas (semelhantes às das florestas), ora bem claras, com tôdas as intensidades intermediárias de sombra e luz, correspondendo a espaços utilizados pelo homem (v. foto 5). Cada uma dessas parcelas de solo é, localmente, denominada *quadra*, seja qual fôr a sua forma.

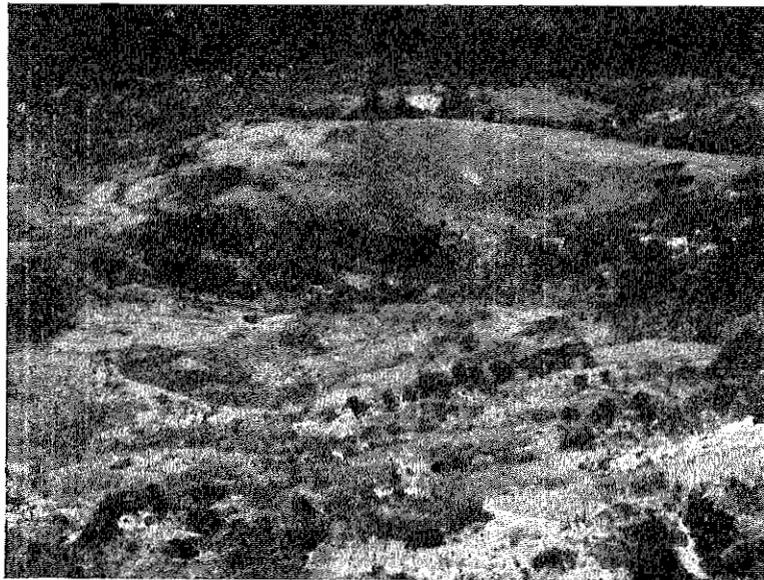


Foto n.º 5 — A área agrícola de "O Ribeirão" (entrada sul do Canal de São Sebastião), numa vista aérea de baixa altura. Nos morros amplos e baixos em que se situam as habitações caiçaras, destacam-se inúmeras parcelas, cada uma correspondendo a estágios diferentes da atividade dos roceiros. Ao fundo e nos vales, vestígios da mata primitiva. As "ilhas" de árvores e arbustos coincidem, respectivamente, com as habitações e capoeiras em formação. — (Foto aérea do autor, em junho de 1951).

MAPA DA AÇÃO DO HOMEM SÔBRE A VEGETAÇÃO NA ILHA DE SÃO SEBASTIÃO

(Organizado de Acôrdo com o
Recobrimto Aéreo em Janeiro de
1951 por A. França.)

-  Praias e Planícies
 -  Roças e Capoeiras
 -  Florestas
 - Limites entre a Floresta e as Áreas de Intervenção Humana
 - Limites das Planícies
 - ~ Curvas de Nível (100 500 e 1000m)
- 0 1 2 3 4 5
Km



Des. Dona Souza

Fig. n.º 1

No terreno, reconhece-se coincidirem essas quadras com sucessão espacial muito variada de capoeiras, capoeirões, ilhas de mata, tapetes de gramíneas às vèzes densos, mais freqüentemente deixando o solo à mostra, vestígios recentes de queimadas; de espaços a espaços, particularmente junto aos limites com a floresta, roças de mandioca, de milho, cana de açúcar, arroz ou bananas, umas plantadas há pouco tempo, outras em estado de colheita ou de abandono recente. São estas últimas as manchas mais claras das vistas aéreas. As escuras coincidem com os estágios mais avançados da reconstituição da mata nos locais de antigas roças, deixadas aos elementos naturais depois de 2 a 3 anos de produção. Como o agricultor caiçara acaba retomando as quadras outrora plantadas, quando os solos se acham revigorados, numa rotação incessante de terras, a floresta é impedida de se reconstituir. O normal, em cada parcela, desde o momento da derrubada da vegetação, é a instalação de culturas de pequena duração que, juntamente com a erosão, exgotam rapidamente os solos. Estes só voltarão a ser ocupados depois de 15 a 20 anos, pelo menos, de abandono. As capoeiras, nesse último espaço de tempo, formam-se e passam aos poucos a capoeirões que o caiçara acaba derrubando, assim que a camada orgânica do solo apresenta espessura conveniente. Com essa sucessão, acentuaram-se, no decorrer de vários períodos de 20 a mais anos, os contrastes entre as pequenas parcelas, pois dificilmente duas quadras vizinhas foram cultivadas nas mesmas ocasiões. Existe, pois, a possibilidade de distinguir cronologicamente as peças do mosaico o que não se pode fazer senão no terreno.

O caiçara é, geralmente, bom conhecedor da idade ou "ponto de roçar" de uma *quadra*, sendo capaz de historiar a sua ocupação anterior pela coloração e pelas indicações particulares da vegetação. É a camada de húmus, que nos capoeirões atinge espessuras já apreciáveis, a melhor conselheira em tal caso.

Nem sempre, porém, o ciclo rotineiro transformador da paisagem consegue observar a marcha normal. O caiçara é, como o caboclo do Planalto, um incendiário impenitente. Não concebe cultura sem o fogo, que também atea por prazer. Em agosto e setembro torna-se comum o espetáculo das queimadas, geralmente localizadas em quadras destinadas ao plantio, mas às vèzes alastrando-se por dezenas ou centenas de hectares e envolvendo morros inteiros ou escarpas da montanha, até os limites com a floresta que permanece nos altos. Nesse último caso acabam apagando-se os vestígios das parcelas cultivadas no passado, e o solo torna-se estéril, passando a abrigar uma cobertura rala de gramíneas como a "barba de bode", ou a "herva de rato", após a estação chuvosa. As águas de chuva apressam a destruição e as superfícies de tais morros, pontilhadas de grandes matacões, passam a refletir aspectos de máxima

degradação (v. foto 6). Tão intensa é, por vezes, a delapidação, que se formam avalanches por ocasião da queda de chuvas anormalmente fortes, arrastando blocos de rochas e solos para a base dos morros, obstruindo temporariamente os ribeirões ou desviando, lo-



Foto n.º 6 — Encostas dos morros no Canal de São Sebastião, ao norte de Ilhabela. Nesta área, intensamente experimentada pela agricultura no século passado, pouco restou dos solos e nenhum vestígio da floresta foi conservado. A superfície acha-se pontilhada com matações e a vegetação rasteira que aí cresce denota a degradação das encostas, ocasionada pela intervenção humana. — (Foto R. O. de Freitas).

calmente, os cursos. O maior desses acidentes, de que resultam verdadeiros depósitos de piemonte, ou taludes, encontra-se a 500 metros da praia do Engenho d'Água (v. foto 7), à margem do Ribeirão Taquanduva. Este curso d'água teve o seu leito desviado por um talude, a que se refere R. O. DE FREITAS (3, p. 174) da seguinte forma: "Litologicamente constam (os depósitos em questão) de blocos de pedras de composição das rochas encontradas na ilha: gnais, pulaskito, nordmarkito e quartzo-andesito principalmente. As dimensões são variáveis, indo desde os seixos até matações de 8 m de diâmetro". A vertente norte do morro do Cantagalo, junto a Ilhabela, possui vários pequenos taludes, intensamente reentalhados pela erosão torrencial e alguns em vias de desaparecimento. A bacia dos ribeirões que formam a Barra Velha apresenta pelo menos

(3) FREITAS, R. O. de — *Geologia e Petrografia da Ilha de São Sebastião*. Bol. 85 (Geologia n.º 3). F.F.C.L. Univ. S. Paulo. (1947).



1.º 7 — O depósito de talude do Engenho d'água que se destaca no centro da fotografia, quer pelo amontoado de blocos de depósitos de colúvio fino, vê-se contornado pelos ribeirões e caminhos. Para o velho engenho de aguardente, hoje refém no canto superior esquerdo), essa mancha clara tem a maior importância. Sobre ela pratica-se há, pelo menos, 2 séculos, períodos de interrupção, a cultura da cana de açúcar. — (Foto Esc. Esp. Aér. de S. Paulo, junho de 1950).

seis dêses depósitos. Na vertente Sul da Ilha, o problema apresenta particular gravidade (Praia do Bonete) mercê de maior umidade e de rampas mais fortes. Como é natural, as escarpas mais acentuadas exibem então ravinamento, as "mossorocas" ou *favos* estreitos e de paredes verticais.

As colinas, morros e encostas inferiores das montanhas, são vítimas, portanto, da atividade impiedosamente destruidora, em que o homem encontra aliados nos fatores naturais. Sob êsse aspecto, a ocupação da terra na Ilha de São Sebastião, enquadra-se perfeitamente nos mais sugestivos exemplos de degradação do meio tropical (v. 4, p. 40), com o recurso às técnicas primitivas de uma agricultura de rotação de solos.

As paisagens resultantes não poderiam deixar de impressionar pelo que têm em comum com os conhecidos exemplos de humanização das regiões acidentadas nos litorais do sul e sudeste asiático (v. exemplo de Ceilão, da Indochina e Insulíndia em SION (v. 5, 2.^a parte), das montanhas da Indochina em ROBEQUAIN (v. 6) e GOUROU (v. 7 e 8), e países da América Central como Costa Rica (v. 9), por exemplo). Por outro lado, a obra do agricultor caçara, no domínio em que pode exercitar suas técnicas, não difere da de seu irmão, o caboclo, nos planaltos do leste e sul do Brasil, pelo menos em resultados e nos aspectos gerais de paisagem.

No conjunto das encostas conquistadas pelas populações, no litoral de São Sebastião e Ubatuba, a Ilha de São Sebastião, pela maior intensidade do povoamento e da atividade humana, destaca-se, assim com os visíveis efeitos de um sistema de exploração baseado em economia primitiva, rotineira e destruidora. Nenhuma outra área rural, no Estado de São Paulo, conhece paisagens mais humanizadas, nem com maior desgaste provocado pelo homem, do que as praias, planícies e morros desta Ilha montanhosa, habitada por agricultores e pescadores mestiços.

(4) GOUROU, P. — *Les Pays Tropicaux*. Presses Universitaires de France. Paris. (1947).

(5) SION, J. — *Asie des Moussons*. Col. Géographie Universelle, dirig. por Vidal de La Blache e L. Gallois, IX (1.^a, 2.^a), Armand Colin. Paris. (1929).

(6) ROBEQUAIN, C. — *L'Indochine française*. Armand Colin. Paris. (1935).

(7) GOUROU, P. — *La Terre e l'Homme en Extrême-Orient*. Armand Colin. Paris. (1947).

(8) *L'utilisation du sol en Indochine française*. Centre d'études de politique étrangère. Publ. n.º XIV. Paul Hartmann Ed. Paris. (1940).

(9) WAIBEL, L. — *White Settlement in Costa Rica*. Geographical Review, 529. New York (1939).